

ALEXANDRE REY COLAÇO

1854 -- 1928

por EURICO TOMAZ DE LIMA

Na madrugada de 11 de Setembro de 1928, deixou docemente de bater, o coração boníssimo do Mestre de quase cinco gerações de pianistas que foi Alexandre Rey Colaço.

Ainda cinco dias antes da triste data, num concerto de caridade, em Oliveira do Hospital, no qual tomei parte, o irrequieto «Vira» foi executado com brilho por uma outra colaboradora, também sua discípula.

Dez anos decorridos após a morte do Mestre, cumpro o voto que me impuz, de evocar a personalidade incomparável de Alexandre Rey Colaço.

Que bela vida de Artista! Recordemo-la.

Alexandre Rey Colaço nasceu a 30 de Abril de 1854 em Tanger, onde a sua Família representava Portugal desde 1773. Curvou o Conservatório de Madrid, obtendo aos vinte anos de idade o primeiro prémio na classe de piano, por unanimidade. Em 1878, organizou umas audições populares de música de câmara, durante três anos consecutivos e coroadas do maior êxito.

Em 1880, foi escolhido pelo Director do Conservatório D. Emilio Arrieta, para executar pela primeira vez na capital espanhola a grande «Fantasia op. 80», de Beethoven, para piano, côros e orquestra que, sob a direcção do maestro Monasterio, alcançou estrondoso sucesso ante um público entusiasmado que obrigou a bisar a obra na íntegra. Em 1881, empreendeu uma «tournee» no sul da Espanha, vindo então pela primeira vez a Lisboa, onde a sua aparição causou o mais caloroso acolhimento do público.

Rey Colaço foi um intérprete inexecedível de Chopin e Schumann. Não só se impunha como um concertista brilhante e elegante, mas ainda como um homem de sociedade, possuidor duma vastíssima cultura. A sua conversa era desafectada, espirituosa, por vezes salpicada de uma fina ironia.

Por essa época, encontrou no Conde Daupias, um grande amigo cujo espiritual convívio recordava sempre com viva saudade. Belos serões íntimos se improvisavam no palácio do fidalgo-artista, onde Rey Colaço, com Arbós e Rubio, seus inseparáveis companheiros de mocidade, tocavam trios de Beethoven, Mozart ou Haydn.

A amizade e a valiosa protecção do Conde Daupias, pelo talento de Rey Colaço conquistada, valeu-lhe a realização de um grande sonho: es-

tudar em Paris. Trabalhou ali durante seis meses com George Mathias, o último discípulo de Chopin, e dois anos com Théodore Ritter.

Continuando a sua viagem de estudo, segue para Berlim, ingressando na «Hochschule fuer Musik», onde teve por mestres o célebre Joachim, Barth, Rudorff, Bargiel, Haertel e Spitta.

Durante os quatro anos da sua permanência em Berlim, frequentou a casa da família do genial Mendelssohn, onde, inúmeras vezes, Rey Colaço teve ocasião de tocar com o violinista Joachim, chefe do famoso quarteto de cordas do mesmo nome. Em 1886, realizou um grande concerto com orquestra na «Singakademie», em que executou o «Concerto em sol menor», de Mendelssohn, o «Concerto» de Schumann, as «32 Variações em dó menor», de Beethoven e a «Polonaise» em mi bemol, de Chopin.

O crítico da «Wossische Zeitung», apreciando a exibição de Rey Colaço, afirmou: «...que êle, um latino, se tinha penetrado a tal ponto da profundidade e elevação da música alemã, que foi para o público alemão um motivo de admiração como de alegria. Além disso, une à elevação do conjunto a firmeza dos deta-

lhes». Em 1878, regressou a Lisboa com o prestígio das vitórias alcançadas, iniciando uma vida toda consagrada a leccionação.

Em Fevereiro de 1897, foi nomeado professor do Curso Superior de Piano do Conservatório.

Afirmou Viana da Mota: «que ao insigne professor se deve, em grande parte, o desenvolvimento que tomou, entre nós, o gosto pelos grandes mestres da música, especialmente os clássicos, cuja obra Rey Colaço tanto difundiu, não só executando, mas também ensinando». De facto, a partir do ano de 1897, Rey Colaço desenvolveu uma formidável actividade cultural, combatendo o mau gosto que então imperava, alçando-se a um plano de destaque que a história da evolução da música em Portugal não poderá deixar de fixar. Entre as séries de concertos que Rey Colaço organizou, convém citar quatro concertos históricos no Conservatório (1898); dez concertos populares, alguns com orquestra (1906-8); a audição em três concertos de trios clássicos, românticos e modernos (1908); um concerto dedicado a Schumann comemorativo do primeiro centenário do seu nascimento (1910); a audição integral das

«Sonatas» para piano e violino, de Beethoven, com Júlio Cardona (1915); uma série de concertos dedicados às formas íntimas da música «A Sonata e o Lied» (1917).

Tinha fundado já em 1888 uma Sociedade de Música de Câmara em colaboração com Victor Hussia, Alfredo Gazul e Cunha e Silva, que efectuou concertos regularmente até 1908, levando-o ainda, o seu espírito altruísta a fundar a primeira «Colónia de Verão», construída e sustentada apenas com o resultado dos seus concertos e que funcionou de 1903 a 1910, sendo então entregue à assistência.

Como compositor, Rey Colaço revolucionou a forma do Fado, libertando-o da monotonia do acompanhamento tónica-dominante-tónica, dando-lhe mais fantasia, enriquecendo a harmonização.

Qual a alma que ao escutar o celeberrimo Fado em si bemol (n.º 1) não se deixa embalar na ternura que a sua melodia espalha? E o Fado «Hilário»? o «Corrido»? o «Pintassilgo» e o «Choradinho»?...

Há pouco mais de quinze anos, a-proposito dum crítico, que o felicitava por não ter incluído no seu Album «Cantigas de Portugal», o tão caninhado Fado, escreveu Rey Colaço uma curiosa carta a um amigo, expandindo-se num apaixonado elogio a essa canção.

Dizia: «Estranhei—ao lêr o dito artigo—que o seu autor enfileirasse na pleiade de homens de letras, sábios, eruditos e mais representantes da mentalidade lusitana, que fazem alarde, luxo e dever, em anatematizar e condenar fado como coisa impura, mórbida, deshonrosa, ignóbil... e não sei quantas ignominias mais!... E gaba-me, pelo facto de não ter eu incluído fado algum na presente colecção!... Ora, mas que diabo nos importa a nós que o fado tenha, ou não tenha, os costados de nobreza reclamados pelos protocolos feudais?...; que o fado seja, ou não seja, de origem fenícia, romana, grega, árabe, ou de importação romântica, e... tenha, ou deixe de ter, avós em Aljubarrota?...; que nos importa a nós, que nasça êle no paço, na sala, na taberna... ou no último prostíbulo da mais ínfima das classes?...

O fado encerra para mim a alma portuguesa, em tudo o que ela tem de íntimo, de amoroso, de terno, de triste,

(Continua na página imediata)



ALEXANDRE REY COLAÇO, em 1926

(Fotografia inédita—Colecção Eurico Tomaz de Lima)